

# #Contémironia: uma análise bakhtiniana da contrapalavra no contexto virtual

# Contémironia: a Bakhtinian analysis of the counterword in the virtual context

# Contémironia: un análisis bakhtiniano de la contrapalabra en el contexto virtual

Guilherme Brambila



Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, Espírito Santo, Brasil.

E-mail: guilhermebrambilamanso@hotmail.com

**Resumo:** Este artigo analisa o uso da hashtag #contémironia em postagens na rede social Facebook, bem como movimenta os conceitos de palavra e contrapalavra, refletindo sobre a ironia a partir de Bakhtin ([1975] 2002; 2010; [1924] 2011). As postagens são analisadas qualitativamente a partir da teoria da Análise Dialógica do Discurso. A produção contribui com questionamentos sobre como a responsividade do enunciado concreto assume, no contexto digital, dimensões variadas e produtivas aos estudos da linguagem. O texto aponta que a marcação da ironia no texto on-line assume papéis diferentes conforme se realiza, constituindo territorialidade ideológica, contrapalavra e busca por regulação de sentidos.

**Palavra-chaves:** Ironia. Contrapalavra. Facebook. Análise Dialógica.

**Abstract :** This paper analyzes the use of the hashtag #contémironia in Facebook posts, as well as it moves the concepts of word and counterword, reflecting on irony from Bakhtin's perspective ([1975] 2002; 2010; [1924] 2011). The posts are analyzed qualitatively, according to the Dialogical Discourse Analysis Theory. The text contributes with questions about how the responsiveness of the concrete utterance assumes, in the digital context, varied and productive dimensions to the language studies. It points out that the marking of irony in online text assumes different roles as it takes place, constituting ideological territoriality, counterword and the search for

regulation of meanings

**Keywords:** Irony. Counterword. Facebook. Dialogical Analysis.

**Resumen:** Este artículo analiza el uso del hashtag #contémironia (#contieneironia) en publicaciones en la red social Facebook y se utilizan los conceptos de palabra y contrapalabra, reflexionando sobre la ironía de Bajtín ([1975] 2002; 2010; [1924] 2011). Los mensajes son analizados cualitativamente desde la Teoría del Análisis Dialógico del Discurso. Este trabajo contribuye con preguntas acerca de cómo la responsividad del enunciado concreto asume, en el contexto digital, dimensiones variadas y productivas para los estudios del lenguaje. El texto señala que la marca de la ironía en el texto online asume distintos roles a medida que se produce, constituyendo territorialidad ideológica, contrapalabra y búsqueda de regulación de sentidos.

**Palabras clave:** Ironía. Contrapalabra. Facebook. Análisis Dialógico.

Submetido em 8 de fevereiro de 2021.

Aceito em 04 de abril de 2021.

Publicado em 30 de setembro de 2022.

## Introdução

As práticas com a língua em contextos reais de interação humana são um interesse constante dos estudos contemporâneos da linguagem. Sobretudo com o advento e a força do contexto digital na vida cotidiana e profissional, emergem novos questionamentos sobre como o estatuto da palavra é transformado em meio às negociações discursivas estabelecidas nessa esfera.

Diante da constante mediação digital nas relações humanas, alguns fenômenos da língua surgem acompanhando as novas demandas que se apresentam a partir de sua prática na esfera virtual on-line. Uma dessas ocorrências, objeto de estudo do presente artigo, é o caso da hashtag #contémironia, marcação presente em postagens de diversas naturezas para explicitar que o conteúdo textual deve ser recepcionado como uma mensagem irônica, isto é, em sentido oposto ao que está registrado. Como exemplo, podemos citar as postagens da personagem “blogueirinha do fim do mundo”, interpretada por Maria Bopp ao canal GNT, que são sempre antecedidas de um aviso (“Atenção: este vídeo contém ironia”), conscientizando os seguidores sobre qual a valoração atribuída ao conteúdo compartilhado.

Reconhecemos nesse exemplo mais famoso, bem como em postagens de anônimos, uma relação nova, distinta daquela praticada no texto fora da esfera virtual, sendo estabelecida com o signo ideológico. Há uma adoção de perspectiva diversa sobre o enunciado, uma vez que surge uma demanda de registro explícito de seu tom valorativo. A partir daí, uma inquietação se apresenta no decurso deste estudo, motivando perguntas como: por que a marcação explícita e textualizada do tom irônico se mostra necessária na esfera virtual? Que dimensões do discurso estão implicadas nesse movimento? De que modo os estudos da linguagem podem observar e analisar tal fenômeno?

Em face das perguntas e do contexto apresentados, este artigo constitui-se de uma análise da marcação #contémironia em postagens na rede social Facebook. Para tanto, são movimentadas compreensões advindas dos postulados de Bakhtin ([1975] 2002; 2010; [1924] 2011) para discutir a dimensão da ironia em si e analisar as relações dialógicas da palavra e da contrapalavra em contexto digital. Algumas postagens que apresentavam #contémironia foram selecionadas para compor a produção de uma análise guiada por um viés qualitativo. O presente trabalho é uma contribuição aos estudos da linguagem, sobretudo àqueles ancorados na perspectiva teórico-filosófica bakhtiniana e/ou interessados nos processos de interação humana em esferas digitais.

De maneira específica, o artigo está dividido em três partes: na primeira, exploramos, a partir dos postulados de Bakhtin, os conceitos de palavra e contrapalavra. O principal intento dessa escolha está na observação da atualidade da contribuição bakhtiniana aos estudos da linguagem, sobretudo por sua perspectiva de observação do signo em sua condição histórica, social e ideologicamente situada. Na segunda, traçamos apontamentos pertinentes à pesquisa em contexto digital, elencando características dessa esfera que precisam compor a lente analítica, visto que transformam cronotopicamente o enunciado concreto. Por fim, na terceira parte, analisamos algumas postagens que utilizam #contémironia em suas formulações. As análises estão focadas principalmente na potencialidade ideológica e responsiva do recurso, bem como em seus impactos às dimensões e aos desdobramentos do signo na interação humana.

## Palavra, contrapalavra e sua interface com a ironia: reflexões a partir da perspectiva bakhtiniana

Nesta seção refletimos sobre as concepções de palavra e contrapalavra, que norteiam teórico-filosoficamente o presente artigo. Para tanto, a perspectiva bakhtiniana é tomada como horizonte no

desenvolvimento dessas observações, acrescida de interlocuções com autores contemporâneos. De antemão, afirmamos que não é proposta da seção exaurir conceitualmente os termos, mas sim traçar apontamentos sobre sua atualidade para a pesquisa em linguagem, sobretudo na esfera virtual.

Bakhtin confronta seus leitores com a proposta de observação e análise da linguagem em meio à comunicação humana a partir da perspectiva metalinguística, sobre a qual a conceituação da palavra deve estar ancorada nas relações intersubjetivas situadas cronotopicamente.

A palavra com as suas fronteiras inexpugnáveis, sagradas, é uma palavra inerte, com possibilidades limitadas de contatos e combinações. [...] A palavra tirada do diálogo: ela pode apenas ser citada no interior das réplicas, mas ela não pode se tornar réplica entre outras réplicas isônomas. (BAKHTIN, [1924] 2011, p. 368).

A proposição de um estatuto sacro à inércia da palavra evoca a problematização do dogmatismo contido nesse movimento, sobretudo por seu caráter hegemônico. A palavra não respondida alcança apenas um patamar modelar, ao qual se busca uma repetição desarticulada da concretude da vida, uma vez que tal estipulação se sustenta apenas no campo das ideias e não se estabelece em meio às irregularidades e dissonâncias do discurso.

Juntamente à problematização da palavra fora do diálogo e de sua proximidade com uma concepção inexpugnável de existência está a dimensão autoritária desse processo. Tal qual defende Bakhtin, essa condição não se subordina a algum estatuto linguístico específico, mas a dimensões metalinguísticas que pressupõem graus de alteridade e formas de relação pelas quais se estabelece sua "exclusão da vida do discurso" (BAKHTIN, 2011, p. 368).



Bakhtin une a palavra autoritária exatamente com a palavra da autoridade, “independente de que a reconheçamos ou não”, que pede um “distanciamento” matizado, na forma positiva ou negativa, razão pela qual a atitude do indivíduo em relação a ela pode ser respeitosa ou hostil. Por sua condição, organiza ao seu redor outras palavras, mas, sem se unir a elas, que “a interpretam, que a exaltam, que a aplicam desta ou de outra maneira”, sendo que deveria não apenas ser colocada entre aspas como escrita com letras “especiais”, uma vez que é muito difícil introduzir-lhe mudanças: “sua estrutura semântica é imóvel e amorfa, ou, então é acabada e monossêmica, seu sentido se refere ao pé da letra, se torna rígido”. (BAKHTIN, [1975] 2002, p. 143-144 apud MUELLER, p. 96, 2017).

Assim como propõe Mueller (2017) em seu artigo, a palavra autoritária, aparentemente desprendida de um contrato relacional com as palavras dos outros, se coloca a partir de uma resposta ao dito. Em outros termos, a palavra autoritária transmite uma posição axiológica sobre aquilo que enuncia, porém não admite contestações ou movimentos persuasivos que instabilizem sua constituição indivisível.

A noção de palavra autoritária, que está firmada em um lugar ideológico impositivo e que não se transforma no contato com aqueles a quem é direcionada, estabelece indisponibilidade com o riso e com a ironia, visto que são de potencialidade libertadora, dissonante e não hegemônica. Se na palavra autoritária não cabem os movimentos dissonantes e irruptivos que a abririam para se transformar cronotopicamente em meio à interação verbal, o riso e a ironia tornam-se elementos de amplo deslocamento de seu estatuto, visto que ameaçam a morbidez incutida na seriedade do gesto autoritário.

Só as culturas dogmáticas e autoritárias são unilateralmente sérias. A violência desconhece o riso. [...] A entonação de uma

ameaça anônima no tom do locutor que transmite comunicados importantes. A seriedade amontoa as situações de impasse, o riso se coloca sobre elas, liberta delas. O riso não coíbe o homem, liberta-o. (BAKHTIN, [1924] 2011, p. 370).

A partir dessas percepções, é possível estabelecer uma compreensão preliminar, apesar de não generalista, sobre a atualidade do conceito de palavra no viés bakhtiniano. Dado o entendimento da palavra como movimento axiológico humano que se materializa verbalmente na composição dos enunciados concretos, obtém-se o encaminhamento de que o estudo da palavra conduz a uma caça aos rastros das alteridades que são respondidas, refutadas, polemizadas e postas em tensão de maneira irrepetível dentro da extensão do enunciado.

Em face da irrepetibilidade discursiva na palavra, uma vez que sua constituição se dá pela interseção singular de um eu que enuncia com um outro, pode-se criar uma perspectiva pulverizada sobre sua constituição, mobilizando uma noção efêmera acerca de sua existência. Todavia, na dimensão cronotópica da palavra, o tempo e o espaço da enunciação se convergem e conferem entornos tácitos que situam seu lugar interindividual. “Em termos gerais, o cronotopo nos possibilita entender, à luz do discurso, as diversificadas experiências de sujeitos na concretude do tempo e espaço das situações de interação das quais se engajam” (OLIVEIRA; HUFF; ACOSTA PEREIRA, 2019, p. 135).

A partir do que se apresenta, compreendemos que a palavra, viva e aberta ao diálogo, estabelece-se na condição de poder lidar com a contrapalavra, isto é, a força das alteridades que colidem de maneira tensa com sua existência, dando contornos axiológicos diversos ao acontecimento responsivo no discurso e na vida. Essas palavras do outro, ou palavras alheias, nos termos de Bakhtin ([1924] 2011, p. 295), “trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos”.

São estabelecidas, dessa forma, duas importantes noções ao presente artigo e que estão imbricadas em suas próprias dimensões: a palavra e a contrapalavra. Ao mesmo tempo, surge o questionamento: em que medida se torna possível observá-las separadamente? A esse respeito, entendemos que análises focadas em enunciados deslocados de seu acontecimento dialógico e situado chegam apenas ao patamar da catalogação da língua, algo que não reflete significativamente as refrações da inter-relação humana que emergem em meio ao jogo de negociação discursiva. “[...] Todas as palavras (enunciados, produções de discurso e literárias), além das minhas próprias, são palavras do outro. Eu vivo em um mundo de palavras do outro” (BAKHTIN, [1924] 2011, p. 379). Desse modo, palavra e contrapalavra, do ponto de vista conceitual, são norteamentos da dialogicidade humana a partir de sua relação com o outro em contextos concretos de comunicação. Na prática, incorporam-se no discurso do sujeito, não revelando necessariamente uma gênese específica, mas funcionando no engajamento de respostas ao dito, na composição viva da cadeia dialógica da interação humana. Em suma, e de acordo com Bakhtin (2010, p. 89), “todo discurso é orientado para a resposta e ele não pode esquivar-se à influência profunda do discurso da resposta antecipada”.

Importa trazer à tona que há o princípio relacional que distingue a palavra e a contrapalavra do ponto de vista conceitual e prático. A partir das reflexões nas linhas anteriores, esse princípio de relação carrega em si uma mobilidade inerente, uma vez que a contrapalavra assume a colisão discursiva com um dito, em uma esteira responsiva, dissonante, tensa, mas, sobretudo, não indiferente ao seu enunciado de referência. A partir desse processo estabelecido, a contrapalavra toma seu lugar de palavra da relação e está aberta ao embate, podendo ser atingida e transformada na valoração enunciada dos outros, quando a respondem. Essas formas de responsabilidade são diversificadas e variam conforme os graus de relação intersubjetiva e os contextos históricos e sociais negociados ou impostos. Em acréscimo, a própria linguagem que



está nesse jogo não está inerte às valorações, mas reflete e refrata a perspectiva ideológica daquele(s) que enuncia(m), contribuindo à tensão discursiva inerente do diálogo, conforme apontam Ribeiro e Sobral (2021):

A linguagem, sendo constitutivamente dialógica, não pode ser compreendida de maneira estática, como um sistema abstrato e acabado, mas como um fluxo comunicativo intermitente. Todo enunciado é resposta a outro enunciado dado e suscita respostas de outros que virão. Lidamos com palavras alheias, clivadas de valor axiológico, que, quando mobilizadas na interação, são reelaboradas, apropriadas e produzem velhos/novos sentidos. (RIBEIRO; SOBRAL, 2021, p. 5).

As reflexões de Ribeiro e Sobral (2021) evocam um posicionamento pertinente não só ao linguista, mas também ao professor de língua. Dentro desses dois ofícios há o constante risco da modelização, imposto sistematicamente pela corrente racionalista ou pelos próprios interesses do modelo escolástico (BAKHTIN, 2013) que abstraem a linguagem de seu acontecimento, para dissecá-la, repeti-la e testificá-la em processos avaliativos. Como exemplo, é possível citar o próprio ensino da ironia, comumente aplicado em sala de aula no viés da modelização e na busca catalográfica a partir de recursos linguísticos em excertos textuais deslocados. Apesar de tal estratégia alcançar determinadas dimensões do estudo/análise da língua, sua problematização é igualmente necessária, visto que está em constante tendência à modelização exacerbada que requer indiferença ao estatuto responsivo e responsável situado, contido nesse movimento axiológico na linguagem.

A ironia entrou em todas as línguas da Idade Moderna (particularmente na francesa), entrou em todas as palavras e formas (particularmente as sintáticas, a ironia, por exemplo, destruiu a estorvadora periodicidade “empolada” do discurso). A ironia

existe em toda parte – da ironia mínima, imperceptível, à ruidosa, limítrofe com o riso. (BAKHTIN, [1924] 2011, p. 367).

Bakhtin proporciona uma perspectiva inconformada, não indiferente e que, por consequência, requer dos leitores uma postura não estagnada frente às dinâmicas da linguagem. A observação da ironia, no viés bakhtiniano, requer a atribuição de uma centralidade ao aspecto de colisão constituinte de seu processo. Seja a ironia mínima ou a ruidosa, sua essência se dá na não estagnação, no confronto e no movimento de não permanência do discurso oficial ou de autoridade (que pode se desdobrar em autoritário). Em outros termos, a ironia é a contrapalavra que destitui, modifica e ressignifica a palavra à qual se refere. Sua provocação de riso é, na leitura proposta neste artigo, o reflexo ruidoso de seu impacto no cerne ideológico do enunciado, abalando-o em meio à interação verbal. Acerca dessa proposta, as reflexões de Bubnova, Baronas e Tonelli (2011) encaminham um esclarecimento da questão.

Na palavra a duas vozes, há dois pontos de vista, duas opiniões, duas intenções que entram em conflito. A palavra bivocal é a reação à palavra *alheia*, à palavra de outra pessoa. O acento, em particular, o alheio, isto é, a entonação que reproduz a valoração social, é o que determina a reprodução da palavra do outro. (BUBNOVA; BARONAS; TONELLI, 2011, p. 271, grifo do autor).

Um aspecto importante a ser destacado está na bivocalidade pressuposta da ironia. Não desconsideramos, com isso, essa existência em outras práticas na e com a linguagem, mas sim em sua imanência para a constituição do efeito irônico em meio à interação humana. Além disso, a forma de inter-relação mantém o enunciado irônico em uma constante posição de contrapalavra, pois é nessa esfera que sua constituição linguístico-discursiva expõe o interstício dialógico da palavra alheia, pondo em tensão o discurso atingido.

Desse modo, torna-se possível visualizar um aspecto marginal e produtivo da ironia enquanto contrapalavra. Sua marginalidade se dá a partir de sua força contra-hegemônica, isto é, da direção não subordinada de que parte, rompendo com estabilizações impostas ou pré-estabelecidas. Por exemplo, a palavra autoritária não se vale da ironia em sua constituição, visto que marcaria discursivamente seu ruído, divisibilidade e contestação. Por outro lado, quando a ironia é utilizada, há o deslocamento da palavra autoritária para fora de sua abrangência, atribuindo-lhe palavras alheias munidas de outras posições axiológicas, como a ironia, que visam à sua transfiguração. O riso pode ser assumido como produto refratante desse tipo de embate, porém o caráter proeminente dessa relação com a linguagem está em seu efeito anárquico diante do que é imposto, fechado e sério.

Conforme anunciado desde o início do texto, as reflexões acerca da palavra, da contrapalavra e de sua interlocução com a ironia estão postas a partir dos escritos de Bakhtin, o qual, por uma questão temporal, não testemunhou diversas mudanças e atualizações nas formas de interação humana. Ao mesmo tempo, ao confrontarmos esses postulados com contextos contemporâneos de comunicação, como é o caso dos estabelecidos na esfera virtual, observaremos dimensões enunciativas diversas das do texto analógico e que se tornam uma arena para refletirmos sobre a atualidade e pertinência do pensamento desse autor.

Um caso interessante, e que motivou a produção do presente estudo, ocorreu a partir da percepção do uso cada vez mais frequente de expressões como “#contémironia”, “[contém ironia]”, “(Este post contém ironia)”, entre outras similares. Surgiu, desse modo, uma curiosidade preliminar acerca de quais demandas enunciativas se sobrepuseram aos usuários para que necessitassem demarcar textualmente o tom irônico em enunciados lançados nas redes sociais da internet. Assim, na seção seguinte serão exercitadas algumas considerações sobre a esfera virtual e suas implicações à materialidade do enunciado, a fim de construir um

entorno de percepções que se aplicarão a alguns casos coletados da rede social Facebook.

## As redes sociais como praça pública: repensando territórios

As práticas com a linguagem na esfera virtual evocam desafios à linguística contemporânea, sobretudo no que diz respeito às diferentes formas possíveis de interação que questionam e ressignificam a oficialidade do enunciado. Especificamente nas redes sociais digitais, somos confrontados por uma força enunciativa e popular que liquidifica e potencializa a interação humana, excedendo-se em impactos à sociedade, tal qual afirma Recuero (2014):

São essas conversas públicas e coletivas que hoje influenciam a cultura, constroem fenômenos e espalham informações e memes, debatem e organizam protestos, criticam e acompanham ações políticas e públicas. É nessa conversação em rede que nossa cultura está sendo interpretada e reconstruída. (RECUEIRO, 2014, p. 17-18).

A potência de transformação social dos enunciados na esfera virtual pode ser observada a partir de pelo menos duas características inerentes à sua existência: seu estatuto público e suas múltiplas territorialidades. Ambos os aspectos carregam em si uma relatividade constitutiva, porém devem compor o crivo investigativo do analista no estudo desse tipo de interação humana.

Seguindo a esteira propositiva bakhtiniana, defendemos a rede social como a praça pública da contemporaneidade. Essa praça, de acordo com Bakhtin ([1975] 2002), ao refletir sobre o contexto da antiguidade, é um:

Cronotopo extraordinário, onde todas as instâncias superiores, desde o Estado até a verdade, eram representadas e personifi-

cadras concretamente, estavam visivelmente presentes. E nesse cronotopo concreto, que parece englobar tudo, realizava-se a exposição e recapitulação de toda a vida do cidadão, efetuava-se a sua avaliação público-civil. (BAKHTIN, ([1975] 2002, p. 252).

Observamos pertinência na apreciação do conceito da praça pública aplicado às redes sociais, por compartilharem de dimensões constitutivas equivalentes. As redes sociais comportam em si a coletividade exacerbada e constitutiva para sua existência. A partir de tal característica, os sujeitos compartilham sua posição axiológica, em um constante processo de responsabilidade. As dimensões íntimas, públicas, político-partidárias e ideológicas são lançadas nessa praça, na qual todos estão respondendo a algo/algum. “A praça pública é o lugar da extroversão, não daquela manifestação superficial, mas sim da extraposição do universo interior em toda sua intimidade” (MACHADO, 2010, p. 212).

Outro aspecto da praça pública, em Bakhtin, que converge com o das redes sociais é a possibilidade de tomada da palavra, sobretudo na dimensão volitivo-responsiva que a constitui, uma vez que seu espaço não se subordina à hierarquização autoritária, mas fornece condições de bivocalizar os discursos, dando-lhes palavras alheias que as interpõem, as questionam e as tiram de seu lugar estático.

A praça pública no fim da Idade Média e no Renascimento formava um mundo único e coeso onde todas as “tomadas de palavra” (desde as interpelações em altos brados até os espetáculos organizados) possuíam alguma coisa em comum, pois estavam impregnados do mesmo ambiente de liberdade, franqueza e familiaridade. (BAKHTIN, [1975] 2002, p. 132).

Diante dessa característica é que também se estabelecem estratégias de captação popular, travestidas de palavra interiormente persuasiva (BAKHTIN, [1924] 2011), mas que galgam dentro



das redes sua força discursiva, a fim de alcançar estatuto de oficialidade. No contexto brasileiro, é possível citar a atual chefia de Estado que, investindo nas redes sociais e munida de um apelo popularesco, ganhou forte adesão de grupos reacionários e venceu as eleições presidenciais em 2018, contrariando muitas previsões que se baseavam no formato tradicional de campanha e engajamento político.

Com base no caso específico citado no parágrafo anterior, percebemos que as redes sociais são esferas em que as tomadas de palavra não têm dimensões previsíveis ou que sequer possam ser integralmente tolhidas por algum tipo de clivagem sistêmica. Tal qual uma semente em solo fértil, o enunciado nas redes sociais se alastra e ganha contrapalavras abruptamente, assumindo adesões, recusas e impactos sociais diversos.

A imprevisibilidade das respostas ao enunciado está intimamente relacionada ao aspecto multiterritorial das redes sociais. Sobre isso, Nunes (2003, p. 35) afirma que “no território digital não há fronteiras, nem alfândegas. Um livre trânsito de informações, pessoas e produtos do meio. Em similaridade, as fronteiras terrestres – reais – tornam-se cada vez mais rarefeitas, obsoletas”. A partir de uma concepção dialógica de linguagem, é possível inferir que os enunciados, retomados, respondidos, reiterados e questionados ad infinitum nas redes sociais, estão em uma constante mutabilidade em virtude dos efeitos que exercem na vida de seus respondentes. Não é raro, por exemplo, encontrar nas redes sociais pessoas (físicas e jurídicas) que se retratam por enunciados anteriormente transmitidos/postados, não necessariamente em virtude de seu conteúdo, mas sim por conta dos novos territórios a eles agregados, a partir da resposta negativa por parte daqueles que o receberam (popularmente chamado de “cancelamento”).

Em face da potencialidade das redes sociais, inclusive de seu impacto socioeconômico àqueles que a utilizam como ofício ou como plataforma, os efeitos causados pelas respostas positivas (popularmente chamado no contexto virtual de engajamento) não

podem ser ignorados por aqueles que enunciam. É a praça pública dando sua resposta a qualquer voz sobressalente.

Importa, desse modo, pontuar que não lidamos nesses casos com enunciados sem seu acontecimento concreto. Apesar de a não perenidade cronotópica ser um elemento constitutivo do enunciado nas redes sociais, isso não significa, por exemplo, que palavras são lançadas a partir de um vazio. Há sempre um contexto sócio-histórico subjacente aos enunciados postados em redes sociais, isto é, há sempre um apelo de resposta constitutivo. Porém, as dimensões se refazem a cada instância alcançada por esse enunciado em rede, uma vez que seu trajeto em meio às alterações não está à mercê do controle centralizador do sujeito.

Diante desse cenário, surge a busca por um firmamento, a fim de se poder estabilizar a palavra, mesmo que simbolicamente. Na proposta do presente artigo, a marcação hashtag (manifestada no uso do símbolo # junto a alguma palavra ou expressão) é enxergada como uma estratégia discursiva de firmar um território ao que é enunciado nas redes sociais.

Diríamos que as hashtags podem ou não apresentar um caráter argumentativo, considerando que se trata de um elemento técnico (um link) que só poderá ser significado a partir do modo como irá integrar o enunciado-tuite e, também, do modo como esse elemento pode ou não relacionar sentidos e sujeitos em espaços enunciativos informatizados específicos, uma vez que uma hashtag não funciona do mesmo modo em todos os espaços, pois cada um desses espaços possui normatizações próprias. (SILVEIRA, 2017, p. 226).

Silveira (2017), apesar de construir suas observações com foco na rede social Twitter, fornece elementos importantes para a compreensão do caráter territorializador da hashtag de maneira geral. A partir de seus apontamentos, afirmamos que a utilização de hashtags será, nas redes sociais, uma estratégia de se propor uma

baliza para se refletir sobre quais tempos-espços e ideologias estão sendo evocados no enunciado em questão. Há, consequentemente, perguntas que emergem dessa tentativa, tais como: em que medida essa estratégia se efetiva (ou não) no contexto digital? Podemos inferir que no contexto digital as hashtags cumprem o papel de posição axiológica exteriorizada? A hashtag #contémironia, objeto principal do presente estudo, pode ser considerada uma tentativa de regulação da contrapalavra?

## #Contémironia: entre a contrapalavra, a territorialidade e a regulação

A presente seção, focada na análise de algumas postagens da rede social Facebook em que houve a utilização da hashtag #contémironia, é um exercício de observação dessa estratégia na interação humana situada no contexto digital. Não há uma busca por regularidades que permitam uma catalogação desse processo, mas sim uma busca pelo estudo de posições axiológicas e formas de responsabilidade a contextos concretos da vida social.

Em termos práticos, o procedimento de seleção das postagens, visto que são muitas e diversas, se deu com base em alguns critérios, a saber: as postagens deveriam estar em modo público na rede social Facebook; deveriam mencionar (textualmente ou utilizando o recurso do compartilhamento) a qual tema social se referem, explicitamente; deveriam enunciar a partir de temas de contexto social público (tais como economia, política, saúde, comportamento etc.); deveriam utilizar a hashtag #contémironia<sup>1</sup>. Imagens pessoais e nomes dos autores das postagens foram propositalmente omitidos.

Ainda, as propostas de leitura nesta seção orientam-se na perspectiva da Análise Dialógica do Discurso, tomada neste trabalho como método que norteia a recepção e o estudo do enunciado a partir de seu acontecimento concreto na linguagem e na vida.

<sup>1</sup> Foi notada a ocorrência do uso de parênteses e colchetes em algumas postagens para demarcar a palavra "ironia", porém optamos no artigo por coletar apenas enunciados que utilizaram o recurso da *hashtag* (#).

Diante dessa decisão, as dimensões histórico-sociais são evocadas no processo analítico para interlocução com os enunciados selecionados, a fim de que se mantenha o foco nas relações dialógicas que se vivificam em seus contextos ideológicos situados. Concor damos, portanto, com a proposição de Brait (2006) acerca dessa postura metodológica disposta a:

Esmiuçar campos semânticos, descrever e analisar micro e macro-organizações sintáticas, reconhecer, recuperar e interpretar marcas e articulações enunciativas que caracterizam o(s) discurso(s) e indicam sua heterogeneidade constitutiva, assim como a dos sujeitos aí instalados. E mais ainda: ultrapassando a necessária análise dessa “materialidade linguística”, reconhecer o gênero a que pertencem os textos e os gêneros que nele se articulam, descobrir a tradição das atividades em que esses discursos se inserem e, a partir desse diálogo com o objeto de análise, chegar ao inusitado de sua forma de ser discursivamente, à sua maneira de participar ativamente de esferas de produção, circulação e recepção, encontrando sua identidade nas relações dialógicas estabelecidas com outros discursos, com outros sujeitos. (BRAIT, 2006, p. 13-14).

A primeira postagem é de um usuário que utiliza uma imagem/manchete do presidente Jair Bolsonaro com seus filhos, cujo título é “Clã no alvo: Justiça e Polícia Federal investigam os 4 filhos de Bolsonaro”. O usuário, na parte superior dessa manchete, enuncia: “Parem com essa perseguição. O pai não tem culpa dos erros dos

Figura 1: Postagem do Facebook sobre a família Bolsonaro



Fonte: Facebook (Março, 2021).

filhos. Além do mais as pessoas de bem do Brasil votaram no pai e não nos filhos #contémironia”.

Sob uma perspectiva sócio-histórica do contexto político-partidário brasileiro contemporâneo, é possível admitir que a *hashtag* #contémironia atinge minimamente duas dimensões responsivas importantes: responde à notícia e responde à parcela da população que endossa as opiniões e os movimentos políticos do então chefe de Estado.

Acerca da primeira dimensão, notamos que #contémironia desempenha uma função ideológica basilar para o enunciado como um todo, uma vez que, linguisticamente e sem a *hashtag*, sua construção caminha para uma proposição que repudia qualquer movimento de oposição ao presidente da República e à sua família. A partir de expressões como “Parem com essa perseguição”, “o pai não tem culpa” e “as pessoas de bem no Brasil votaram no pai”, o



usuário constrói ideologicamente uma posição de apoio à família Bolsonaro, o que se desmantela e é revogada diante da *hashtag* ao final do enunciado.

Algo interessante a ser destacado é que a rede social Facebook permite em suas postagens textuais a inclusão de emojis (pequenas imagens que podem ser usadas para expressar sentimentos, marcar visualmente alguma informação não mencionada no plano verbal ou reiterar/refutar o que foi enunciado em texto). Todavia, ao longo de todo o enunciado, o usuário não se vale desse recurso, deixando para inserir apenas ao final um emoji em que há uma pessoa de braços cruzados, sucedido da *hashtag* #contémironia. A marcação visual e a *hashtag*, na posição em que se encontram, conduzem a uma leitura que desafia seu formato canônico<sup>2</sup>: apesar de lermos o conteúdo textual da esquerda para a direita e de cima para baixo, #contémironia obriga o leitor a refazer seus passos em um processo de ressignificação da recepção do enunciado.

Assim, notamos que a marcação da ironia desregulariza o plano linguístico como um todo e atinge o campo ideológico do signo. Não afirmamos, desse modo, que essa estratégia quebra com a cadeia sintagmática da língua, mas certamente a questiona. Por conseguinte, esse tipo de construção traz à tona o questionamento acerca da (não) linearidade do texto na esfera virtual e o quanto esse procedimento (ou sua falta) contribuem (ou não) para o processo da leitura nesse contexto específico.

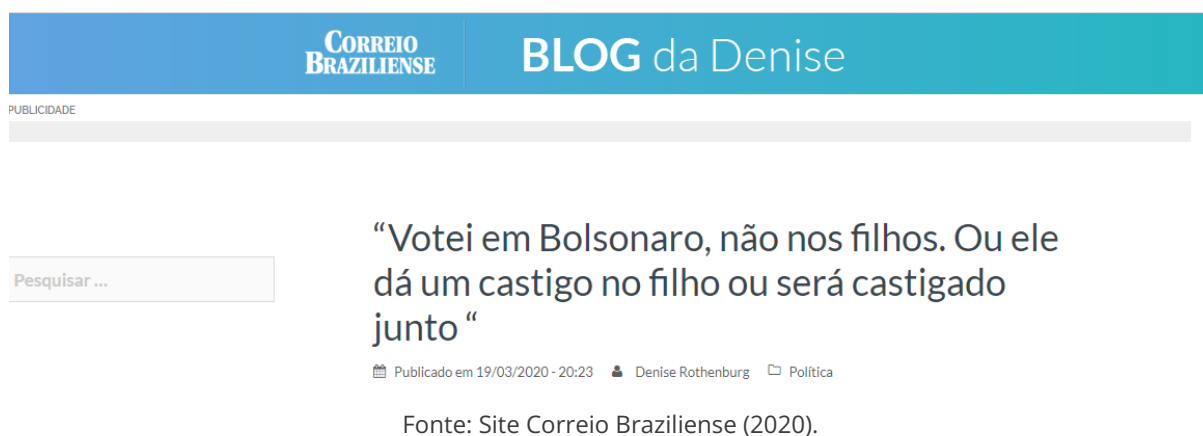
Acerca da segunda dimensão, na qual #contémironia responde à parcela da população apoiadora do presidente, obtemos tal noção a partir da investigação social e histórica dos enunciados da postagem. A partir da busca de possíveis fios que nos mostrassem sua historicidade, encontramos duas notícias que permitiram tal entendimento.

<sup>2</sup> Considera-se neste caso o procedimento de leitura do português, conforme ensinado nas aulas de alfabetização em língua materna.

Figura 2: Manchete da Folha de São Paulo



Figura 3: Manchete do Correio Braziliense



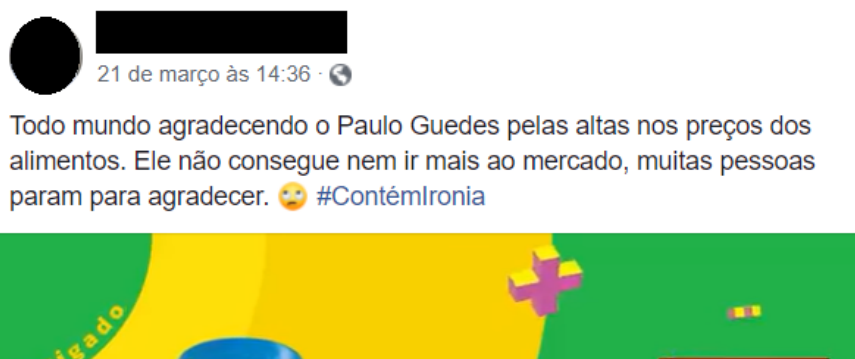
Apesar de ambas as reportagens trazerem suas próprias abordagens ao tema (algo que não aprofundaremos por uma questão de foco), importa destacar a recorrência do enunciado "Votei no pai e não nos filhos", que se repete com algumas variações nos dois casos. Desse modo, as escolhas do usuário do Facebook não estão soltas ou emergem de uma circunstância adâmica, mas são contrapalavras ruidosas que desterritorializam o enunciado dos

apoiadores e o reimplantam em um acontecimento irônico e questionador.

Em virtude da historicidade e dos matizes ideológicos evocados pelo enunciado “votei no pai e não nos filhos”, a presença de #contémironia tem papel importante para a territorialidade ética e responsiva ao usuário em seu contexto de enunciação. Ao mesmo tempo, essa estratégia promove o não álibi (BAKHTIN, 2010) do usuário, que renega responsivamente a repetibilidade do enunciado em contextos de apoio, transferindo-o para a valoração de crítica e de zombaria.

A próxima postagem também faz interlocução com o contexto político-econômico do Brasil. Nela, o usuário posta um vídeo que utiliza de linguagem e elementos visuais típicos de um anúncio publicitário de supermercado. Todavia, o suposto supermercado é chamado de “Super Obrigado” ao então ministro da Economia, Paulo Guedes, apresentando uma lista com produtos de consumo básico (como óleo de cozinha, carne, gás etc.) e suas respectivas altas de preço. Na postagem do usuário está registrado: “Todo mundo agradecendo o Paulo Guedes pelas altas nos preços dos alimentos. Ele não consegue nem ir mais ao mercado, muitas pessoas param para agradecer”. O enunciado verbal é concluído com

Figura 4: Postagem sobre a alta dos preços



Fonte: Facebook (Março, 2021).

um emoji que apresenta um rosto de expressão triste e olhar para cima, sucedido de #contémironia.

Ao situar social e historicamente o enunciado e seu contexto de recepção, é possível evocar um episódio da política brasileira em que o Ministro Paulo Guedes afirma ser recebido com agradecimentos e orações quando entra no supermercado. De acordo com a versão do ministro, em transcrição reportada pela página de notícias Uol:

Vejo isso aqui [cargo de ministro] como um compromisso com 200 milhões de brasileiros [...] Enquanto eu sentir que estou ajudando... Eu entro no supermercado, as pessoas me agradecem. Às vezes falam: “Olha, nós rezamos pelo senhor, estamos sentindo o que o senhor está fazendo por nós”. Isso me recompensa mais que qualquer elogio [...]. (GUEDES..., 2021, n. p.).

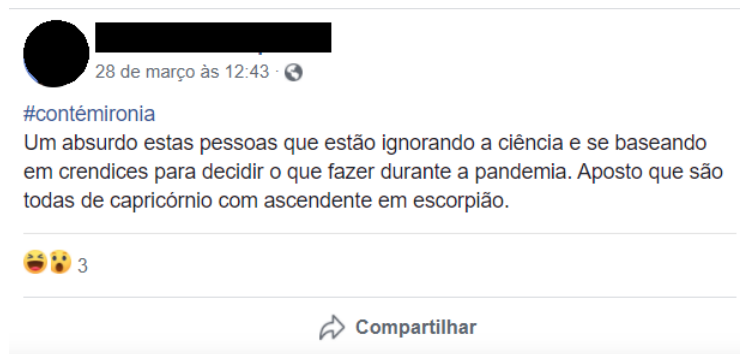
No contexto enunciativo específico, o signo “agradecer/agradecimento” assume centralidade no embate dialógico de sentidos. O ministro utiliza o signo como contrapalavra às especulações de que iria sair de seu cargo, ao passo que o usuário da rede social reorganiza ideologicamente a expressão para causar ruído ao próprio lugar de benfeitor que o ministro atribui a si.

Assim como na primeira postagem analisada, houve a opção por utilizar #contémironia ao final, requerendo que o leitor refaça seus passos assim que avista a *hashtag* e sua dimensão ideológica contrária ao que acabou de ser enunciado. Todavia, na postagem em questão, o usuário deixa rastros mais abertos acerca de sua postura valorativa frente ao contexto sobre o qual enuncia. Em “Todo mundo agradecendo o Paulo Guedes pelas altas nos preços dos alimentos” o leitor já é confrontado com o ruído irônico antes mesmo de alcançar a *hashtag* #contémironia, uma vez que, ciente da crise política e econômica brasileira, as expressões de agradecimento direcionadas à alta dos preços assumem relação dissonante. Nesse caso, é possível notar que há a ironia ruidosa e limítrofe (cf. BAKHTIN, [1924] 2011). A *hashtag* #contémironia não assume nesse caso unicamente exterioridade linguística ao enun-

ciado transmitido na postagem, mas reitera, tal qual um amplificador vocal, o tom valorativo do enunciado concreto.

Pela própria estabilidade relativa (BAKHTIN, [1924] 2011) das postagens do Facebook, é comum que as *hashtags* sejam postadas na parte final dos enunciados, o que pode sugerir certa regularidade sobre seu uso e função ideológica, sobretudo quando carregam em si contrapalavras que se embatem ao dito, como é o caso de #contémironia. Entretanto, no contexto seguinte, seu uso se deu

Figura 5: Postagem sobre crenças, ciência e pandemia



Fonte: Facebook (Março de 2021).

antes do enunciado em questão, o que evoca outras observações a respeito:

Na postagem em questão, o usuário insere #contémironia antes do enunciado: “Um absurdo estas pessoas que estão ignorando a ciência e se baseando em credices para decidir o que fazer durante a pandemia. Aposto que são todas de capricórnio com ascendente em escorpião”. Em análise, compreendemos que, nesse caso, #contémironia funciona como recurso de territorialidade ideológica, predizendo que tom valorativo deve ser esperado no contato com o enunciado que ainda será recepcionado. Tal estratégia carrega em si uma posição mais conservadora em relação às potencialidades da contrapalavra nas redes sociais. O usuário prepara a arena na qual lançará seu enunciado, na busca por estabelecer um acordo de leitura com os demais participantes da rede. Esse tipo de movimento está também ancorado em uma orientação tácita sobre as redes sociais, por as reconhecer também como



espaços em que comumente ocorrem linchamentos virtuais, “cancelamentos” e cyberbullying, engatilhados por postagens mal recebidas ou de tema socialmente inaceitável.

O enunciado do usuário em questão apresenta em sua composição textual um ruído que permite ao leitor minimamente lido identificar efeitos de ironia e provocação ao tema do ceticismo versus crenças particulares. Entretanto, ainda assim, o usuário não abre mão de reafirmar esse tom, por meio de #contémironia, que, por vir no início, explicita ainda mais essa inclinação. Desse horizonte emerge o questionamento acerca da efemeridade do enunciado em sua condição virtual, exigindo que os sujeitos estabeleçam uma suposta regulação de sentidos alheios, item este que não pode ser dado como garantido ou categórico.

Por fim, o último destaque está na interação que a postagem recebeu, simbolizada nas reações, um recurso possível à rede social Facebook. Os emojis de risada e de surpresa, na parte inferior do enunciado, são indícios das contrapalavras dos usuários da rede social. Pela escolha desses elementos visuais e pela ausência de comentários que questionem ou apontem uma possível “contradição” na afirmação, há uma sugestão de que as estratégias escolhidas pelo usuário cumpriram a função esperada. Ao mesmo tempo, tomar essa percepção como uma certeza não é um passo promissor, em virtude da imprevisibilidade inerente à interação virtual.

## Conclusão

A partir do percurso teórico e analítico proposto neste trabalho, emergem pelo menos duas dimensões pertinentes ao estudo do texto e do discurso situados nas esferas digitais: sua potencialidade de estabelecer novos caminhos ao discurso e sua premissa por uma investigação de indícios que emanam da materialidade textual.

Sobre a primeira dimensão, compreendemos que os enunciados digitais, por poderem mobilizar recursos tecnológicos de acentuação valorativa, como é o caso de #contémironia, retiram o texto de um lugar demasiadamente estático. Apesar de não concebermos o enunciado fora da esfera virtual como “imaculado” às contrapalavras, os recursos tecnológicos do contexto digital propiciam uma condição mais imediatista desse processo, mostrando explicitamente quais vozes são evocadas ou refutadas na materialidade enunciativa. Desse modo, as referências de análise e investigação linguística que se construíram fora do contexto digital não podem ser mais tomadas como lente unilateral de observação a fenômenos contemporâneos da linguagem. Pelas redes sociais, o signo ideológico é valorado a partir de processos diferentes e, portanto, requer procedimentos de análise que considerem as características dessa esfera.

Sobre a premissa por uma investigação de indícios que emanam da materialidade textual, defendemos que as diferentes formas e estabilizações dos enunciados concretos na esfera virtual mobilizam-se em uma velocidade bem mais acentuada que em outras instâncias de interação humana. Formas relativamente estáveis de enunciado surgem e se dissipam de maneira mais volatizada no contexto digital, tornando a catalogação de fenômenos uma tarefa hercúlea. Ao mesmo tempo, ignorar essas formas de interação e sua potencialidade na investigação do movimento da língua/linguagem não é uma decisão adequada, pois impor limites drásticos à área de estudo, em virtude da abrangência da interação virtual. Por essa razão, advogamos pela identificação das posições axiológicas, reconhecidas como rastros do lugar do sujeito na interação verbal, o que é um caminho produtivo à pesquisa na análise da língua e do discurso. Deve-se assumir uma postura de caça aos indícios que emergem na materialidade da língua, buscando rastros e fios que reverberem as condições materiais e ideológicas do discurso, bem metaforizado por Ginzburg (1986):

| Por milênios o homem foi caçador. Durante inúmeras persegui-

ções, ele aprendeu a reconstruir as formas e movimentos das presas invisíveis pelas pegadas de lama, ramos quebrados, bolotas de esterco, tufos de pelos, plumas emaranhadas, odores estagnados. Aprendeu a farejar, registrar, interpretar e classificar pistas infinitesimais como fios de barba. Aprendeu a fazer operações mentais complexas com rapidez fulminante, no interior de um denso bosque ou numa clareira cheia de ciladas. (GINZBURG, 1986, p. 151).

Em suma, o presente artigo não exaure suas questões, tampouco persegue tal meta. Na condição de contribuição aos estudos linguísticos, seu foco sobre uma especificidade recorrente nas práticas de interação humana em contexto digital busca compreender dimensões ideológicas e intersubjetivas a partir do signo. Ao mesmo tempo, tal proposta visa à mobilidade da área, em seu constante pareamento com as demandas da sociedade permeadas pelos usos da língua na contemporaneidade.

## Referências

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética**: a teoria do romance. 5ª ed. São Paulo: Hucitec, [1975] 2002.

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BAKHTIN, M. O enunciado como unidade da comunicação discursiva. Diferença entre essa unidade e as unidades da língua. *In*: BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 6ª ed., [1924] 2011, p. 270-306.

BAKHTIN, M. Apontamentos de 1970-1971. *In*: BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 6ª ed., [1924] 2011, p. 367-392.

BAKHTIN, M. **Questões de estilística no ensino de língua**. 1ª edição. São Paulo: Editora 34, 2013.

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. *In*: BRAIT, B. **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006. p. 9-33.

BUBNOVA, T.; BARONAS, R. L.; TONELLI, F. Voz, sentido e diálogo em Bakhtin. **Bakhtiniana**, v. 6, n. 1, 2011 p. 268-280.

FOLHA DE SÃO PAULO. 'Votei no presidente e no vice, não no filho', afirma leitor. **Painel do Leitor** (Folha de S. Paulo), abril de 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/2019/04/votei-no-presidente-e-no-vice-nao-no-filho-afirma-leitor.shtml>. Último acesso em: 12/04/2021.

GINZBURG, C. **Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

MACHADO, I. A questão espaço-temporal em Bakhtin: cronotopia e exotopia. *In*: PAULA, L.; STAFUZZA G. (orgs.). **Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável**. Campinas/SP: Mercado das Letras, 1ª ed., 2010, p. 203-234.

MUELLER, B. G. A palavra religiosa como uma variante da 'palavra autoritária' em Bakhtin. **Bakhtiniana**, v. 12, n. 1, p. 91-112, 2017.

NUNES, F. **Web arte no Brasil**: algumas poéticas e interfaces no universo da rede internet. Dissertação (Mestrado em Multimeios) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

OLIVEIRA, A. M.; HUFF, L. A.; ACOSTA PEREIRA, R. Considerações teórico-metodológicas para o estudo da palavra-discurso: respostas a dois ensaios de Mikhail Bakhtin. **Revista Caminhos em Linguística Aplicada**, v. 20, n. 1, 2019, p. 131-151.

RECUERO, R. **A conversação em rede**: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.

RIBEIRO, P. B.; SOBRAL, A. **Eu, o outro (Outro) e o vazio na constituição da representação identitária**. D.E.L.T.A., v. 37, n 1, 2021, p. 1-25.

ROTHENBURG, D. "Votei em Bolsonaro, não nos filhos. Ou ele dá um castigo no filho ou será castigado junto". **Correio Braziliense**, março de 2020. Disponível em: <https://blogs.correiobraziliense.com.br/denise/votei-em-bolsonaro-nao-nos-filhos-ou-ele-da-um-castigo-no-filho-ou-sera-castigado-junto/>. Último acesso em: 12/04/2021.

SILVEIRA, J. Hashtag e argumentação: proposta para o ensino de escrita e leitura em textualidades digitais. **Papéis**, v. 21, n. 41, 2017, p. 218-234.

GUEDES nega saída do governo: 'Entro no mercado, as pessoas me agradecem'. **Uol Economia**, março de 2021. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2021/03/12/guedes-nega-saida-do-governo-entro-no-mercado-as-pessoas-me-agradecem.htm>. Último acesso em: 14/04/2021.

USUÁRIOS DESIDENTIFICADOS. Postagens diversas. Facebook, março de 2021.